

Cristianismo e vida urbana no pensamento de Comblin: a pedagogia da cidade

Christianity and urban life in Comblin's thought: the pedagogy of the city

Jefferson Grijó Brasil¹

Resumo

A vida comum à proximidade com o outro desenha o sonho da harmonia que a vida cidadina pode proporcionar em seu estágio final. Comblin dá ampla margem em seus textos para se afirmar que a urbanização não só favorece a religião, mas também é um aspecto da religião que serve de cenário à teofania.

Palavras-chave: José Comblin. Pedagogia, cristianismo e vida urbana.

Introdução

Esta pesquisa busca analisar a função pedagógica da cidade e se ela realmente tem essa função, seguindo aqui as pistas de Comblin. Ele reconhece que pode haver certo desconforto em assumir que a cidade seja detentora de tal função, afirmando: “Alguns poderiam estranhar ao ver uma realidade profana como a cidade ser considerada como elemento da pedagogia divina” (COMBLIN, 1991, p. 82). Comblin considera relevante essa afirmação de que a cidade tem por fama ser profana, sob uma perspectiva religiosa, concluindo que essa realidade chega a ser um grande paradoxo. Comblin segue: “É verdade que a Bíblia mostra também nas cidades a concentração de todos os pecados” (COMBLIN, 1996, p. 29). Pois se existe uma imagem desenhada que denuncia a cidade como contraponto do sagrado, como ela poderia ser instrumento pedagógico de Deus? Segundo Comblin, “Deus educa os homens pela igreja, mas não de maneira exclusiva” (COMBLIN, 1991, p. 82). Logo, a cidade assume um papel bastante importante no projeto educacional divino, que aponta para a utopia de salvação coletiva existente na concepção cristã. Comblin acredita que “Por isso a Bíblia apresenta-o em forma de cidade” (COMBLIN, 1996, p. 29).

Destacar assim a cidade pode levantar partidos contrários, e assim completa Comblin: “Pelo contrário, certa formação leiga pôde criar o preconceito de que as realidades profanas, como a cidade, não têm nada a ver com o plano divino [...]” (COMBLIN, 1991, p. 82). Trata-se aqui de formas mais simples de compreensão ou vivência da práxis, que seguem o modelo de dualismo presente na grande parte

¹ Doutorando em Teologia Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RIO. Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória conclusão em 2016. Graduado em Teologia Faculdade Unida de Vitória, conclusão em 2014.
jeffersongrijobrasil@gmail.com

da tradição cristã, que sacraliza certas coisas e profana outras. A reprodução é automática, por isso existe rejeição de tudo que pode apresentar associação com algo profano. No caso, a cidade não pode ter parte no plano divino, pois esse é sagrado. Veja o que Comblin diz: “E não poderíamos compreender essa pedagogia e o sentido da própria Igreja, se não tivéssemos a experiência do fenômeno urbano” (COMBLIN, 1991, p. 82). Ele desenvolve esse conceito a partir de coletas e apontamentos da lógica da cristandade, que se define em ajuntamentos de pessoas semelhantes ao fenômeno urbano, que concretiza essa ação na vida das pessoas. Comblin vê tal quadro como uma simples semente: “Ora, o reino de Deus aparece neste mundo como uma realidade inicial, uma semente. Da semente deve nascer uma árvore” (COMBLIN, 2008, p. 71).

A pedagogia da cidade

Dessa forma a urbanidade seria uma antecipação do elemento essencial na preparação do projeto pedagógico, ao proporcionar dependência e vínculos, com certa comunhão do ser humano. Assim Comblin define:

A pedagogia divina aplica-se à cidade. Se os desígnios de Deus consistiam em reunir a humanidade em vida comum, em intercomunhão de pessoas, a humanidade não era capaz de entrar nesse plano. Seria necessária a educação de vida comum, em formas inferiores, mais ao alcance do estado real dos homens. (COMBLIN, 1991, p. 82).

A cidade se torna introdutória na ação divina, encarnando exatamente o que melhor exemplifica o idealismo de associação de vida comum. Ela proporciona fragmentos da pedagogia divina e fornece o meio para a comunicação com os homens, mesmo que de maneira inconclusiva. Comblin diz: “A urbanização inscreve-se nessa educação. Uma vez acabada a educação e uma vez vividas as experiências que deviam ser vividas, a cidade que conhecemos poderá desaparecer e dar lugar à nova cidade” (COMBLIN, 1991, p. 82). Se a cidade que se conhece hoje é um protótipo da cidade utópica que há de vir, precisamos analisar qual o sentido vital existente nessa relação entre pedagogia e cidade, e qual objetivo o autor pretende alcançar com tal teoria no presente ora em análise. Para isso vamos avançar um pouco mais em suas propostas. Pois Comblin também acredita que “a humanidade nova é chamada a viver a paz e na unidade. As comunidades cristãs têm a vocação de mostrar agora sinais desta comunhão. [...] A igreja é o povo de todos os crentes” (COMBLIN, 1985, p. 9). Comblin completa seu argumento concluindo que “a pedagogia de Deus se exerce através da história e das instituições” (COMBLIN, 1991, p. 82). A história e as instituições agora também exercem função pedagógica no plano de preparação da humanidade, são parte constitutiva da educação divina. O que flui no decorrer histórico tem fim pedagógico e as instituições desempenham um papel fundamental no plano de educação divina, visto que ela assegura no caminhar da história certas tradições e o conhecimento que só poderia se acumular por meio da instituição.

O desafio urbano

Outra questão importante que não pode ficar de fora desta investigação é o desafio que supostamente o cristianismo tem diante de si, com o modelo de vida

urbana. Comblin conceitua a vida urbana como elemento pedagógico da ação divina, porém reconhece as limitações e fraquezas das cidades contemporâneas. Por isso diz:

A cidade cria o nervosismo. Perdendo o contato com a natureza, as cidades obrigam o corpo a lutar em condições insuportáveis. Deslocam as psicologias. Vemos que aumenta cada vez mais o número de habitantes que fogem das cidades quando suas ocupações lhes permitem. Trata-se de uma reação do corpo que quer viver. (COMBLIN, 1991, p. 83).

Como algo que se mostra sinônimo de vida ideal perfeita pode criar nervosismo e afastar o homem do contato com as formas naturais? Trata-se de uma situação desconfortante, se considerarmos cidade que conhecemos é uma demonstração da cidade ideal utópica. Comblin diz: “As novas elites não se misturam com o povo. Moram em áreas paradisíacas, longe dos problemas das cidades” (COMBLIN, 2011, p. 32). Se a cidade contemporânea inspira a fuga por parte dos homens que buscam uma qualidade de vida melhor, logo ela é falha, e seus habitantes dela deixam em uma tentativa de sobrevivência, desde que tenham condições para tal. Comblin continua: “Se se foge delas, é sinal de que as cidades não são humanas” (COMBLIN, 1991, p. 83). Ela, que parecia ser a solução da humanidade, fascinando pela conjuntura, logística e simplificação do cotidiano, agora se define como algo desprovido de humanidade.

Considera-se aqui não a cidade, mas tudo que se criou de maneira desordenada em torno dela. Comblin exemplifica: “Com a explosão demográfica mundial, acontece a invasão das grandes metrópoles por massas atraídas pela propaganda dos grandes meios de difusão” (COMBLIN, 1991, p. 83). Essas propagandas fizeram com que as condições de vida, que deveriam ser algo favorável ao ser humano, se tornassem um grande paradoxo da vida na urbe.

Outro grande problema que agrava o estresse da vida citadina, e não poderia passar despercebido por Comblin, é a dificuldade de locomoção nos grandes centros, causada pelo automóvel. Ele destaca que “ao mesmo tempo chegou a invasão do automóvel. Tudo teve que se submeter ao seu domínio” (COMBLIN, 1991, p. 83). A vida nas vias teve que lhe dar preferência, os projetos de urbanização os favorecem sempre, com perdas e ganhos. Comblin continua: “Quanto ao ruído, em muitos bairros centrais chegou-se a ultrapassar os limites que uma psicologia humana pode suportar sem sucumbir à neurose” (COMBLIN, 1991, p. 83). O progresso veio acompanhado de perdas. Se, por um lado, se ganhou em tecnologia e industrialização, por outro se perdeu em qualidade de vida, pois a vida urbana se tornou praticamente insalubre. A pergunta que cabe aqui é: até onde é vantajosa toda essa projeção urbana? Em que realmente estamos ganhado? Talvez apenas uma parcela da sociedade ganhe com isso. Comblin insiste: “*Os pobres voltam a ser receptores de esmolas e objetos do assistencialismo. Não se vê a necessidade de a teologia ocupar-se com essa realidade*” (COMBLIN, 2007, p. 11). Em seu argumento o autor convoca a teologia a se posicionar diante da realidade na urbe. Segundo ele, “esses problemas nos pegam desprevenidos. Mostram a anarquia do desenvolvimento social e deixam marcas na sensibilidade” (COMBLIN, 1991, p. 83). Podemos nos arriscar a dizer que tal situação causa quase uma mudança biológica no homem urbano. Comblin entende que a maneira de se educar na cidade está errada. Para ele, “a sociedade educa para a competitividade, para a luta individual pela vida, para o êxito, contra a precariedade” (COMBLIN, 2011, p. 43).

A vida citadina se afastou do idealismo prometido e quando não se alcança o esperado, certa crise se instaura na urbe, fato gerador da exploração dos mais fracos por quem tem melhores condições. Veja o que Comblin destaca:

Indivíduos particulares ou instituições privadas possuem ou compram imensas extensões de futuros terrenos de construção e exercem especulação tão vantajosa que constitui uma das formas mais escandalosas da exploração do homem pelo homem inventadas ao longo desse século. (COMBLIN, 1991, p. 84).

O que se expõe nesse texto não mostra nenhuma novidade ou descoberta. A história se repete com a recorrente exploração do homem pelo homem. Comblin relembra que “o mito da cidade barroca, de residência principesca, reduziu os cidadãos a funções de servidão ao serviço dos poderosos” (COMBLIN, 1991, p. 84). Parece que algo saiu errado no sonho urbano de intercomunhão de pessoas em vida comum. Comblin alerta que “hoje de novo a hora é trágica nas grandes cidades” (COMBLIN, 2011, p. 27). As coisas na cidade não funcionam perfeitamente, isso é fato. Toda a ambição de grandeza interrompe o círculo de reciprocidade entre seus habitantes. Segue Comblin: “O mito da megalópole contemporânea transforma os homens em formigas, obrigando a passar a vida formando filas nas ruas, ante as portas, nas paradas de ônibus [...]” (COMBLIN, 1991, p. 84). Em tudo que se faz na cidade seus habitantes necessitam se submeter à ordem do tempo de espera como destacado aqui, e logo a qualidade de vida se vai. Gonçalves destaca:

Somando isso, temos o que J. Comblin chama de “*nova cultura*”, outro nome para os conceitos de *pós-modernidade* ou *nova modernidade*. Nesta *nova cultura*, os valores são transvalorizados, os costumes antes reivindicados são agora banalizados; a mudança campo-cidade, uma temática constante na pastoral urbana de J. Comblin, traz consequências benéficas, mas muito mais maléficas para as pessoas. (GONÇALVES, 2009).

O quadro que se apresenta na cidade denuncia sua fragilidade. Comblin acredita que “*a cidade devia salvar o homem, e conduzi-lo à sua plenitude*” (COMBLIN, 1991, p. 84). O autor não é ingênuo, antes tem plena consciência da realidade da vida citadina e dos pontos de vulnerabilidade que a tornam falha. Ele diz: “*Por outro lado, excita e estimula os fortes e esmaga os fracos*” (COMBLIN, 1991, p. 84). A regra da sobrevivência normativa entre animais, mas a cidade é lugar de humanidade, de laços de compaixão e não selva. Ela é exatamente o lugar do homem na natureza: o homem é um animal da cidade.

Esses acontecimentos negativos relacionados à urbe podem servir de experiência pedagógica. O autor entende que isso “*é o desafio único diante do qual todos os demais empalidecem*” (COMBLIN, 2003, p.1). Pois a competição permanente na cidade dissocia a vida humana, segundo Comblin, “separa uns dos outros. Tal é a experiência negativa, primeiro aspecto da pedagogia” (COMBLIN, 1991, p. 84). Não deixa de ser uma experiência pedagógica, mesmo com certa negatividade. Pois isso se torna elemento essencial na pedagogia da cidade, por proporcionar oportunidade de correção. É Comblin que assegura:

A modernidade significou a vitória do individualismo sobre a solidariedade e o amor, tal como estavam concebidas nas civilizações tradicionais. Em outras sociedades venceu a solidariedade e o individualismo não pôde prevalecer; a modernidade não conseguiu instalar-se. (COMBLIN, 2001, p. 82).

O risco na cidade

O risco existe, a colisão é real. A cidade contém medo e segurança, fracasso e sucesso, e as dúvidas permanecem; a tensão está no ar, independentemente de se saber ser a cidade proporciona mais ou menos bem ao ser humano, pois não temos essa certeza. Comblin entende que “o individualismo apareceu em primeiro lugar em forma de empresa, e a empresa moderna foi se desenvolvendo” (COMBLIN, 2001, p. 84). Essa evolução da empresa excitou a individualidade do homem, movido pela concorrência. Comblin reflete que “o homem isolado em suas próprias terras pode viver na ignorância total do próximo. Na cidade isso não é possível” (COMBLIN, 1991, p. 85). O homem na cidade se torna imortal ao menos em suas obras, porque depende do outro e essa alteridade o torna eterno. Suas impressões ficam em outros. Na cidade não existe espaço para isolamento, ela estabelece certa democracia ou o mínimo de garantia a seus habitantes. Comblin ressalta: “Na cidade, a aprendizagem da vida coletiva, da tolerância, do respeito mútuo, da paciência já não depende só da boa vontade individual, nem das virtudes privadas. É obrigação” (COMBLIN, 1991, p. 85). Quem intenta viver na urbe precisa observar alguns preceitos de como contribuir na coletividade. Se o outro tem seu espaço, a tolerância e a cordialidade devem ser cumpridas, e isso é pedagógico. Comblin define: “O modo de ser urbano torna-se universal porque há nele valores universais e definidos” (COMBLIN, 1996, p. 15). Esse modo de viver ensina os habitantes na prática do cotidiano. Para Comblin, “a virtude da cidade encontra-se na vontade de viver nela” (COMBLIN, 1991, p. 85). Viver na cidade é uma escolha com implicações mútuas. A ordem é necessária, paga-se o preço para viver na urbe, e isso não significa que seus habitantes estejam prontos, dado que se trata de um processo alimentado pela boa vontade de seus integrantes. Comblin alerta: “Aquele que não quer aprender nenhuma forma de colaboração, nenhuma forma de comunhão humana, tem que abandoná-la” (COMBLIN, 1991, p. 85). Esse modo de ser na cidade acaba por ser instrumento da ação divina, excitando aqueles que estão presentes na vida cidadina a se abrirem ao menos em parte. Sem essa iniciativa a vida na urbe se tornaria insuportável. O autor acrescenta: “O que quiser integrar-se terá que submeter-se a uma disciplina pessoal. Nisso consiste o valor da vida urbana” (COMBLIN, 1991, p. 85). O valor destacado consiste basicamente em deveres, que, quando respeitados ou cumpridos, proporcionam bem-estar à maioria. Existe, portanto, certa ambiguidade na vida cidadina, que introduz o habitante no círculo da vida pública e lhe confere privacidade, pois na cidade todos são anônimos.

O mundo se tornou urbano, mas qual o segredo do sucesso das cidades? Comblin diz: “A cidade atrai porque promete liberdade, expansão, enriquecimento econômico e cultural, maior domínio da matéria, participação na criação do mundo e do próprio homem” (COMBLIN, 1991, p. 85). A história da humanidade nunca mais será a mesma depois do fenômeno urbano, não tem como voltar. A cidade cria realidades a partir de todas as possibilidades que nela se encontram. Ele continua: “Em primeiro lugar, a cidade reforça a autonomia da pessoa em relação aos grupos naturais, à família, à vizinhança, ao clã, à raça, à religião, à etnia” (COMBLIN, 2003, p. 20). Na cidade o ser é autônomo, ainda que cada cidade seja singular, detendo cultura própria e estilo de vida peculiar. O denominador comum,

independentemente dos traços do complexo urbano, é a cooperação que todos precisam exercer. Comblin alerta: “Ora, as pessoas tornam-se autônomas e livres quando podem manter contato com os outros grupos” (COMBLIN, 2003, p. 21). Essa ambiguidade que a vida cidadina proporciona a seus habitantes se mostra perigosa, visto que “se muitos pensam fraudar, não pagando o preço da colaboração, que equivale aos benefícios que recebem, não é possível enganar de forma alguma sem destruir a própria cidade que se quer explorar” (COMBLIN, 1991, p. 85). Essa reciprocidade se torna ontológica para a vida cidadina: a parte da engrenagem que não funcionar pode comprometer o todo. A cidade como construção humana é uma espécie de conclusão de uma obra. O ser humano agora tem sua própria casa no mundo, se realmente o homem é um animal da cidade. O viver em sociedade proporciona coisas magníficas. Podem-se contemplar evoluções variadas e constante desenvolvimento em todas as áreas do viver. Esse elemento pedagógico se manifesta em toda a cidade, porque ela sempre ensina.

O conceito desenvolvido no texto sobre a pedagogia divina tem seu início na história, uma vez que ela subsidia o florescer da pedagogia da cidade. Comblin destaca: “Dissemos também que a história é pedagogia divina” (COMBLIN, 1991, p. 85). Ela faz parte do processo da educação divina, apontando para vida coletiva. Ele segue: “Ora, de certo modo podemos dizer que a cidade é o término da história, a terminação da evolução” (COMBLIN, 1991, p. 85). Se a cidade é a conclusão dessa metamorfose, ela seria a protagonista do ensaio, e Comblin conclui dizendo que “na cristandade cada pessoa tem o seu lugar marcado na sociedade e deve identificar-se com o seu papel social” (COMBLIN, 2001, p. 305). Mas ambas, cidade e história, se condicionam mutuamente, interferindo uma no organismo da outra. Comblin acentua: “Por outro lado, podemos dizer também que a história começa com as cidades. É na cidade que se acumula o passado, é lá que o passado se faz trampolim para o futuro” (COMBLIN, 1991, p. 85). Então elas traçam certa dialética, pois a cidade garante a história. Tudo na cidade aponta para a história, suas marcas estão presentes em toda parte na urbe. Comblin conclui:

Antes da cidade e fora dela o tempo nunca chega a tomar forma. Tudo passa e desaparece. Só a cidade tem uma memória. São memória: seus monumentos, suas grandes vias de comunicação, suas casas, suas estruturas, seus costumes, seus projetos. Só a cidade tem um porvir e crê nele, porque ela se renova e sabe que se renova. (COMBLIN, 1991, p. 85).

A cidade proporciona eternidade por meio dos feitos deixados. Comblin chega a ser incisivo ao dizer: “Fora da cidade o homem sobrevive somente em seus filhos” (COMBLIN, 1991, p. 86). Mas trata-se de algo que a história mostra não ser necessariamente assim. A grande maioria dos habitantes da cidade não deixa nada de concreto na história. O que se configura como bem comum são os gestos de ação que se tornam como efeito borboleta ao atingir o outro. Ele segue: “Pela mediação da cidade, o homem pode sobreviver em obra coletiva” (COMBLIN, 1991, p. 86). Nesse sentido, mesmo sem intenção, o habitante da cidade tem sua parcela na coletividade. A questão se define assim: ainda que o indivíduo não contribua em nada, essa ação mesmo atinge a vida do outro, mesmo que negativamente. Comblin acredita que de uma forma ou de outra, na cidade permanece a contribuição do habitante. Ele diz: “Pode deixar suas pegadas em algo que permanece. A cidade dá garantia de continuidade” (COMBLIN, 1991, p. 86). Ela leva adiante o que a compõe, e o círculo continua. E prossegue: “Por isso, a urbanização de hoje, somos

testemunhas, constitui momento capital dentro do processo de formação do homem e na pedagogia divina” (COMBLIN, 1991, p. 86). Esse seria o início da formação da humanidade no plano pedagógico divino.

O processo de transformação experimentado pela humanidade tem por finalidade a vida em comunidade, o que melhor se exemplifica na perspectiva de Comblin, que afirma: “A resultante que constitui o fenômeno fundamental, o que supõe a grande mudança para a massa da humanidade, é a urbanização; pois, no concreto da cidade, é onde as revoluções abstratas entram na vida das massas” (COMBLIN, 1991, p. 86). Essa transição já acontece há muito tempo, porém nos últimos anos tem se acelerado. Para Comblin, “fazia muito tempo que a revolução urbana havia começado; seis ou sete mil anos. Entretanto, seus primeiros passos foram muito lentos” (COMBLIN, 1991, p. 86). Agora a revolução se manifesta de maneira agressiva e tudo que se opõe a ela vai ficando às margens. Com isso a humanidade vai alcançando seu *habitat* e chegando a seu clímax. Ele destaca que “de certo modo podemos dizer que a pedagogia divina vai poder desdobrar-se totalmente” (COMBLIN, 1991, p. 86).

Conclusão

Enfim, o ser humano entra em um tempo que conheceu na cidade sua forma conclusiva, seu lugar. O autor declara: “É a convivência humana. É localização do homem na natureza” (COMBLIN, 1991, p. 87). Tudo se faz na cidade, tudo é para se viver, as coisas são reais. Continua: “A cidade é realidade concreta, é a organização da comunhão humana” (COMBLIN, 1991, p. 87). A harmonia se apresenta de maneira utópica como a cidade ideal, pois nas relações interpessoais compartilha-se o que a humanidade possui e que é sua marca na natureza. Para Comblin esse contexto se define assim: “Mas o homem foi feito antes de tudo para viver com o homem em sociedade” (COMBLIN, 1991, p. 87). Conclui-se essa parte destacando que, no pensamento de Comblin, a cidade contemporânea é instrumento pedagógico no plano divino, pois ela proporciona experiências de dependência do outro na vida em comum.

O homem continua em busca da cidade ideal. E enquanto vislumbra e persegue sua existência, permite alterações em seu ambiente ou lugar na natureza, que se evadiu da cidade rumo a paragens mais distantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COMBLIN, José. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- COMBLIN, José. *Viver na cidade: pistas para a pastoral urbana*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1996.
- COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008.
- COMBLIN, José. *A Igreja e sua missão no mundo*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- COMBLIN, José. *Desafios aos cristãos do século XXI*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

COMBLIN, José. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?* São Paulo: Paulus, 2007.

COMBLIN, José. *Um novo amanhecer da Igreja?* Petrópolis: Vozes. 2003

COMBLIN, José. *Cristãos Rumo Ao Século XXI: nova caminhada de libertação.* 4.ed. São Paulo: Paulus, 2001.

GONÇALVES, Alonso. *Uma pastoral integral, igreja-cidade: em diálogo a eclesiologia de Jurgen Moltmann e a pastoral de José Comblin.* IN: Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v. 19, maio-ago. 2009.